

Economista admite: a recuperação pode vir.

Os economistas trabalham com números que, muitas vezes, refletem a realidade de ontem, e não a de hoje, e nem sempre conseguem detectar com agilidade os movimentos da economia. Talvez, por isso, os sintomas de uma eventual recuperação ainda não estejam embutidos nas estatísticas disponíveis, admite Joaquim Elói Cirne de Toledo, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da USP. Talvez até a retomada não exista e esteja ocorrendo apenas uma estabilização da queda de atividade. De uma coisa, porém, Toledo tem certeza: o salário real e o nível de emprego — mesmo com ligeira tendência de baixa — não justificam uma retração do consumo tão profunda como a registrada este ano.

Ao final de 1987, já na expectativa da expansão das exportações, o economista previa uma retomada do mercado interno a partir do segundo semestre de 1988. "Mas, no início do ano, quando a inflação acelerou e começaram movimentos especulativos com imóveis, carros usados e o dólar no mercado paralelo, achei que essa estimativa não se sustentava. E, mesmo agora, com a estabilização do black e dos salários reais, não acredito numa recuperação do consumo nos próximos meses", destaca Toledo.

Afinal, explica, embora a renda disponível não esteja crescendo, o saldo dos depósitos em cadernetas de poupança continua aumentando. "A inflação elevada alterou muito o comportamento do consumidor. Como ele não entende, por exemplo, o que são juros reais, assusta-se com taxas mensais de 25%, foge das compras a prazo e prefere poupar."

Injeção de confiança

É verdade que, nos últimos 30 dias, houve uma injeção de confiança, com o menor ritmo da inflação, passos positivos na renegociação da dívida externa, definição do mandato do presidente da República. "Pode ter ocorrido alguma recuperação e uma estabilização em novo patamar, mas ainda em níveis negativos", imagina Toledo. De qualquer forma, ele não vislumbra qualquer catástrofe à vista, a menos que se ingresse numa era de hiperinflação. Para o economista da Fipe, mesmo que atualmente não funcione a todo vapor, a economia brasileira pode sustentar-se em alguns pilares de indiscutível firmeza.

A agricultura vai muito bem, especialmente as áreas exportadoras, e o dinheiro que ela gera pode dar um bom ímpeto ao



Cirne de Toledo

consumo. O aumento das exportações — capazes de responder por um acréscimo de 2,5% no Produto Interno Bruto (PIB) — também pode fortalecer o mercado interno. Os investimentos industriais, com exceção da construção civil, não vêm caindo fortemente, até porque as empresas perceberam que as aplicações financeiras, ao final, renderão menos do que a compra estratégica de equipamentos, por exemplo. As obras

públicas continuam, embora sem muito fôlego. "Tudo isso pode não ser suficiente para impulsionar a economia ao crescimento, mas é capaz de sustentar o nível de atividades atual", pondera Toledo. Assim, ainda que a previsão de queda da produção industrial para este ano chegue aos 3%, ele acha possível que a expansão do PIB em 1988 se aproxime da média dos 3% registrados nos primeiros anos da década de 80 (em 1987, ficou em 1,9%).

Caíndo na realidade

"No ano passado, caímos na realidade e continuamos caindo ao longo de 1988", constata o economista, ressaltando, porém, que as comparações estatísticas podem levar a muitas interpretações distorcidas. Comparar o nível de atividade econômica deste semestre com o mesmo período de 1987, quando a demanda apenas começava a despencar, resultará em índices de queda muito superiores à realidade. Um exemplo: a produção industrial, na verdade, foi ajustada para baixo entre junho e julho do ano passado e, no segundo semestre de 1987, registrou uma baixa de 6,8% em relação ao primeiro. Diante disso, a retração de 7,9% detectada pela Fiesp em abril último, em comparação com o mesmo mês de 1987, não parece tão assustadora. É bom lembrar, contudo, que parte desse ritmo foi imposto pela acumulação de estoques na indústria, e não pela demanda — o que pode indicar, a curto prazo, uma redução maior tanto na produção quanto no nível de emprego industrial.

Seja qual tenha sido o combustível utilizado, entretanto, o fato é que a indústria roda agora na mesma velocidade do início de 1986, raciocina Toledo. "Já o comércio está abaixo do desempenho de 1985, embora relativamente estável. Pode ser, porém, que as definições da Constituinte e o clima de maior confiança ajudem a reanimar a economia. Nesse sentido, se não houver uma explosão inflacionária maior, seria até natural um processo de recuperação", conclui.